



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na missa
de celebração do Dia do Trabalhador**

São Bernardo do Campo-SP, 01 de maio de 2005

Bom dia,

Bom dia, dom Nelson, nosso querido bispo da Diocese de Santo André,

Minha companheira Marisa,

Senador Eduardo Suplicy,

Deputados Devanir Ribeiro e Vicentinho,

Prefeitos João Avamileno, José de Filippi e o ex-prefeito Oswaldo, da
cidade de Mauá,

Meu querido companheiro Frei Betto,

Meu querido ex-prefeito Tito Costa,

Meu querido companheiro Marinho, presidente da Central Única dos
Trabalhadores,

Meu querido Paulo Okamoto, presidente do Sebrae,

José Genoíno, presidente do PT,

Companheiros da Pastoral Operária do ABC,

Companheiros trabalhadores e trabalhadoras,

Dom Nelson, certamente o senhor conhece a história que marcou a
relação do povo trabalhador do ABC com a Igreja do ABC. Aqui nós tivemos
guarda da Igreja, não apenas para suprir as nossas necessidades espirituais,
mas para fazer com que os trabalhadores tivessem uma retaguarda para
enfrentar os momentos difíceis que a democracia brasileira, de pouca
inexistência naquele momento, criava de situação delicada para nós.



O 1º de Maio que teve uma ligação entre a Igreja do ABC e os trabalhadores do ABC foi o 1º de Maio de 1979, no Paço Municipal, com a presença de duas figuras importantes: de um lado, o nosso bispo da época, dom Cláudio Hummes, de outro lado, Vinícius de Moraes e, de outro lado, os trabalhadores e o prefeito Tito Costa, que está aqui.

Depois, o segundo grande 1º de Maio foi o de 1980, em que não pude estar presente, com outros companheiros, porque estávamos presos. Mas aqui esteve Marisa, a Diretoria do Sindicato e centenas de milhares de trabalhadores que conseguiram produzir, talvez, um dos mais bonitos espetáculos de resistência democrática da classe trabalhadora brasileira.

Foi aqui, nesta Praça da Matriz que, na época, o então general Braga, que parecia que estava querendo causar um conflito entre os trabalhadores e a Polícia, teve que recuar, por bom senso, em função dos milhares de homens e mulheres que, tomando conta desta Praça, conseguiram convencer a Polícia de que o melhor que tinha que acontecer era permitir aos trabalhadores fazerem a sua caminhada, darem uma volta no Paço Municipal. E alguns queriam apenas entrar no Estádio da Vila Euclides, colocar a mão na grama e ir para sua casa.

Quem viveu esse momento viu, possivelmente, o 1º de Maio mais importante que nós fizemos, do ponto de vista da luta, da resistência, com a participação muito forte das mulheres, até porque eu estava preso. A Marisa e as mulheres dos diretores assumiram a convocação, e aqui estavam presentes, outra vez, dom Cláudio Hummes e dom Paulo Evaristo Arns.

O senhor, dom Nelson, esteve aqui no ano passado e está aqui este ano. Eu não tenho dúvida nenhuma de que esta Igreja continuará sendo uma espécie de casa, não apenas a casa de Deus que é, mas a casa da esperança, a casa da fé para todos aqueles que acreditam na existência e na possibilidade de um mundo superior.

Eu estou aqui neste 1º de maio, dom Nelson, com a certeza de que



todos os bispos que passaram e os que passarão por aqui, imediatamente fazem uma relação com o povo trabalhador desta região e, em apenas um ano, parece que a convivência já é de 20 anos ou mais, porque os padres têm experiência, convivem com esta gente. Agora, estou vendo aqui um grupo enorme de novos seminaristas, portanto, novos padres aqui para a região. E eu penso que quero estar bem velhinho para poder participar, não do centésimo, mas pelo menos do quadragésimo 1º de Maio realizado aqui, nesta querida Matriz de São Bernardo do Campo, com a presença dos padres e do bispo da nossa região.

Estou feliz, também, porque soube da notícia de que finalmente nós resolvemos, pacificamente, o problema do estado de Roraima, da homologação da terra Raposa Serra do Sol. Todo mundo sabe que levou, só no meu governo, dois anos para que nós encontrássemos uma solução jurídica e política. Depois que nós homologamos houve, por parte dos grupos que não aceitavam a homologação, o seqüestro de quatro policiais federais. Ontem, sem nenhuma violência, sem nenhuma briga, sem nenhum problema, os quatro policiais foram liberados e, agora, nós vamos dar prosseguimento à homologação dessa que era a maior reserva indígena a ser homologada e que, finalmente, foi homologada, e eu sei o papel importante que a Igreja teve nisso.

Também estou feliz porque eu vi a manifestação dos nossos cristãos aqui, e vi a quantidade de faixas falando da inclusão social, falando do microcrédito, da economia solidária, que é uma coisa que ganha muita força no meu governo e que, certamente, irá se consolidar como uma das grandes alternativas da economia para o nosso país. Não apenas o salário mínimo, que chegou a um nível que eu considero razoável em função da nossa situação, todos nós sabemos que o mínimo sempre será mínimo, porque é o salário mínimo assim no mundo inteiro, mas nós conseguimos, este ano, dar um passo adiante.

Mas o mais importante é que nós consolidamos, também este mês, na



semana passada, em Brasília, o microcrédito neste país. Está aqui o Remígio, lá do Ministério do Trabalho, que sabe da alegria das pessoas que estavam lá, das cooperativas de crédito. Enquanto nos últimos oito anos nós tínhamos disponibilizado 30 milhões por ano, só neste ano disponibilizamos 600 milhões de reais para o microcrédito, em uma crença e uma expectativa de que consigamos fomentar junto aos trabalhadores a necessidade de se organizarem. Eu quero até antecipar aqui, ao meu amigo Tarcísio, do Sindicato dos Metalúrgicos, ao Feijóo, que eles criaram uma cooperativa de crédito para os metalúrgicos, mas que não é fácil as pessoas acreditarem na cooperativa. Num primeiro momento, as pessoas têm desconfiança, o que é normal. E amanhã, quando eu for à Volkswagen, eu vou ficar sócio da cooperativa de crédito para ver se, com isso, estímulo os trabalhadores a ficarem sócios, para se criar alternativas de financiamento das coisas que nós precisamos.

Também é um dia que estou feliz, porque acabo de fazer uma viagem ao estado do Pará, onde nós fomos inaugurar uma usina de biodiesel. O biodiesel é um programa estratégico do governo na mudança da matriz energética do nosso país, para que a gente possa ter um óleo diesel renovável, menos poluente, mais gerador de empregos e que pode ser feito da mamona, pode ser feito da palma, pode ser feito do caroço do algodão, pode ser feito da soja, pode ser feito do caroço da melancia, pode ser feito do caroço da abóbora, pode ser feito de tantas coisas que nós temos no Brasil. Nenhum país do mundo tem essa possibilidade. Nós achamos que o biodiesel é um projeto que não apenas vai fortalecer a independência do nosso país, como ele está sendo produzido para criar condições de desenvolvimento no semi-árido nordestino, para criar emprego nas regiões mais pobres do país, atendendo os nove estados do Nordeste e mais o Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais. Esse projeto já está consolidado, agora só é necessário ter dimensão de escala para que a gente possa produzir o necessário e gerar os empregos necessários.

Uma outra coisa extremamente importante, ainda para o Nordeste, para



gerar emprego – e eu vi que aqui tem muita gente da nossa terrinha – é que nós, finalmente, depois de mais de 150 anos, porque Dom Pedro queria fazer a transposição do São Francisco em 1846, finalmente nós vamos fazer um processo de revitalização do rio São Francisco. Nós vamos levar água para beber a aproximadamente 12 milhões de famílias nordestinas, deixando de cada lado do canal, que vai ter 25 metros de largura, dois quilômetros e meio, para que a gente possa fazer uma boa política de cooperativa, de produção de coisas para ajudar a agricultura familiar.

Uma outra coisa extremamente importante, ainda, que nós pretendemos fazer para desenvolver a região do Nordeste do país é construir uma ferrovia ligando os estados do Nordeste, que começa também este ano, ligando dois portos importantes, o Pecém, no Ceará, e o porto de Suape, em Pernambuco.

Mas não é apenas à região Nordeste que nós queremos levar o desenvolvimento para que o povo nordestino possa ficar na sua terra natal, é à região Norte do Brasil. O biodiesel tem duas caras importantes: a região Norte do país e a região Nordeste, num primeiro momento. Quando tiver escala em quantidade, aí vai produzir biodiesel de soja, para atender à região Sul e Sudeste do país, que é a região mais desenvolvida do Brasil.

Mas algumas coisas estão acontecendo nesse interior do país. Eu, que tive o prazer de viajar 91 mil quilômetros em 1992 e 1993, de carro, de ônibus e de trem, posso dizer que até 2008 nós iremos cumprir o nosso compromisso de levar luz elétrica à casa dos 12 milhões de lares brasileiros que ainda não têm energia elétrica. É um trabalho imenso porque o Brasil é muito grande, mas nós vamos levar a luz. Essa é uma certeza e é uma garantia de que não haverá, a partir de 2008, nenhum brasileiro ou brasileira que não tenha um bico de luz para acender na sua casa.

Uma outra coisa extremamente importante é a questão da reforma agrária. Eu dizia sempre, e quero aproveitar o 1º de Maio, dom Nelson, para dizer, aqui, que há sempre um conflito na hora de discutir a reforma agrária, se



você mede a boa reforma agrária pela quantidade de terras que você assentou, ou se mede pela quantidade do resultado da produção das pessoas que estão na terra.

A CPT, historicamente, afirmava que mais gente deixava o campo do que entrava no campo. Nós resolvemos inverter essa política. É por isso que quando nós tomamos posse não existia, praticamente, assistência técnica para a agricultura familiar. Hoje, já atingimos 70% da agricultura familiar e queremos chegar, no final do ano, universalizando a assistência técnica para garantir que o trabalhador que já tem a sua terrinha possa dela extrair não apenas o seu sustento e o de sua família, mas que possa sobrar um pouco para vender, para ter um dinheiro para melhorar a vida de sua família.

E, ao mesmo tempo, pela primeira vez na história do nosso Brasil, o Pronaf foi nacionalizado. Quem conhece a história do campo no Brasil, sabe que o dinheiro colocado para a agricultura familiar, 90% dele, ficava na região Sul e um pouco na região Sudeste, para o Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, os três estados tomadores dos recursos do Pronaf. Pela primeira vez nós nacionalizamos, e saímos praticamente triplicando a quantidade de dinheiro. Ainda ontem, antes de ontem, fiz uma reunião com a CONTAG e, só para ter idéia, meu querido Marinho, estados que faziam apenas 24 mil contratos fizeram, agora, 264 mil contratos, numa demonstração de que apenas precisamos ter paciência de ver as coisas florescerem, que elas vão acontecer.

Queria terminar agradecendo ao Marinho, o nosso presidente da CUT. O Marinho tem dado demonstração de uma qualidade superior de dirigente sindical neste país. O Marinho, em nenhum momento, deixou de fazer críticas ao governo quando tem que fazer mas, em nenhum momento, o Marinho deixou de buscar as coisas para os trabalhadores que ele representa, junto com o seu Sindicato, com o Feijóo e com a sua Diretoria, de fazer as coisas que precisam ser feitas.



E foi graças à inteligência desses trabalhadores que hoje nós temos o maior programa de crédito da história do Brasil, eu não sei se, no mundo, há um programa de crédito como esse, que é o crédito consignado com desconto em folha. Antes, o trabalhador entrava na mão do agiota e não conseguia sair mais, ou pagava 9%, 10%, 12% de juros. Hoje, os trabalhadores fazem empréstimos nos bancos em que o movimento sindical fez acordo, e eles podem pegar dinheiro emprestado a 1.50%, a 1.75%, para pagarem, no máximo, 30% do seu salário de prestação, o que revolucionou o crédito ao consumidor no Brasil, porque estamos com 16 bilhões e meio de reais nesse mercado e, agora, foi estendido aos aposentados e às aposentadas. Eu acho que isso vai chegar a mais de 25 bilhões de reais neste ano, e isso foi uma obra da criatividade deste nosso companheiro, Marinho, presidente da CUT, que foi tão importante presidente do Sindicato, do nosso Sindicato dos Metalúrgicos aqui do ABC.

De forma, meus companheiros e minhas companheiras, que este é o segundo 1º de Maio de que eu participo aqui com o dom Nelson, e espero estar vivo para participar do terceiro, do quarto, e espero poder, um dia, se Deus quiser, entrar aqui pela frente da Igreja, mesmo que bem velhinho, dizendo “esse aqui é o quadragésimo 1º de Maio de que eu participo nesta Matriz”. E aí, quem sabe, nós estejamos muito melhores.

Muito obrigado, dom Nelson, muito obrigado aos padres, obrigado ao povo do ABC.